

P  
ERFIL DO  
LEITOR BRASILEIRO  
CONTEMPORÂNEO

---

OS LIVROS MAIS VENDIDOS  
NO BRASIL DE 1966 A 2010



ARNALDO CORTINA

P

ERFIL DO  
LEITOR BRASILEIRO  
CONTEMPORÂNEO

---

OS LIVROS MAIS VENDIDOS  
NO BRASIL DE 1966 A 2010

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Cortina, Arnaldo

Perfil do leitor brasileiro contemporâneo : os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2010 / Arnaldo Cortina. -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-320-8

1. Análise do discurso 2. Best Sellers 3. Leitores 4. Leitura  
– Pesquisa I. Título.

14-05474

CDD-418.4

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Leitores e leitura : Pesquisa : Linguística 418.4

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**AGOSTO/2014**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*A meus três filhos, Bruno, Lucas e Murilo*

*A três pessoas com quem muito aprendi em minha vida:*

*Roseana (in memoriam), Ian e Eduardo*



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. EM BUSCA DO CORPUS PERDIDO .....	19
2. LEITOR APAIXONADO E LEITOR REPRESENTADO: CONSTRUÇÕES DO DISCURSO .....	43
3. O QUE LÊ O LEITOR BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO? PRIMEIRA ABORDAGEM .....	85
4. MUDANÇAS NAS LEITURAS DO PÚBLICO BRASILEIRO AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS: SEGUNDA ABORDAGEM . . . .	161
5. ESCOLHAS DE LEITURA COMO REFLEXOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA .....	243
6. ENCONTRO DO <i>ÉTHOS</i> DO LEITOR DE AUTOAJUDA. ....	299
CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	351
BIBLIOGRAFIA .....	361
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CORPUS. ....	369
ANEXOS .....	375



## INTRODUÇÃO

O estudo da perspectiva do leitor há muito já faz parte dos trabalhos sobre literatura e sobre a constituição do texto. Antonio Candido (1965 [1975, p. 74]), em seu ensaio intitulado “O escritor e o público”, já apontava para a indissociabilidade entre o autor, a obra e o leitor, ao se pretender estudar literatura.

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Embora não negue a importância e a necessidade do exame dos fatores internos para o tratamento do texto literário, Candido (1965[1975, p. 73]) ressalta também o valor dos fatores externos, que classifica como mais sociológicos e indispensáveis “senão à sondagem profunda das obras e dos criadores, pelo menos à compreensão das correntes, períodos, constantes

estéticas”. O leitor, nesse sentido, é elemento fundamental, pois é ele que justifica a existência da obra.

Humberto Eco (1990[2000] e 1992[2001]), por sua vez, numa direção muito próxima, porém, não absolutamente igual à de Antonio Candido, porque não trata apenas do texto literário, irá defender que, para o processo de interpretação do texto, é preciso levar em consideração três fatores nele instaurados: a intenção do autor, a intenção da obra e a intenção do leitor. Embora afirme que a identificação da intenção da obra seja decorrente do reconhecimento de uma estratégia semiótica própria do processo de produção de sentido, defende uma relação dialética entre esses três elementos. Na medida em que reconhece que a intenção da obra não pode ser revelada pela superfície textual, defende que “é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor. A iniciativa do leitor consiste basicamente em fazer uma conjectura sobre a interpretação do texto” (Eco 1992[2001, p. 75]).

Ao invocar as observações de Candido e de Eco sobre a perspectiva da leitura, posso constatar ainda que é possível caminhar em duas direções, quando se quer explorar esse aspecto. Uma é a que focaliza o leitor enquanto categoria do próprio texto, isto é, como constituinte de sua organização interna. Outra é aquela que estuda o leitor enquanto um sujeito do processo comunicativo, que é determinado histórica e sociologicamente.

Para a semiótica discursiva, por exemplo, o leitor corresponde à projeção do enunciatário do discurso que, juntamente com o enunciador, constitui a instância da enunciação. Isso significa afirmar que, em todo discurso, há um sujeito que diz algo para um outro a quem esse dizer é dirigido e que, além disso, o leitor é co-enunciador do enunciado, porque, na medida em que o discurso é direcionado para ele, é ele que controla o dizer do enunciador. Dessa forma, uma maneira de tratar a questão da leitura pode ser o exame das imagens de

leitor que um determinado discurso projeta no momento em que é produzido. Pautado por essa perspectiva, um estudo sobre a leitura seria aquele que observaria como se configura esse leitor construído no texto. Esse tem sido o caminho de alguns trabalhos, quer da semiótica quer da teoria literária, preocupados em investigar as projeções do leitor no texto, o que significa enfocar seu narratário.

É dessa forma, por exemplo, como Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999) irão olhar, embora não segundo a perspectiva semiótica, o processo de construção do leitor na literatura brasileira. O objetivo das autoras, no primeiro capítulo de sua obra, consistiu, primeiramente, em mostrar como o leitor foi se modificando historicamente, chegando ao estado de leitor solitário do mundo moderno. A partir das revoluções burguesas, a figura do leitor vai deixando de ser coletiva para se tornar mais familiar e, posteriormente, individual. Em um segundo momento, focalizando a literatura brasileira a partir do século XIX, discutem os casos em que o narrador dialoga com o leitor que se manifesta na trama narrativa de seus livros de ficção. Sobre essa questão irão afirmar que há uma evolução no tratamento da figura do leitor brasileiro. Segundo as autoras, Machado de Assis, por exemplo, dirige-se a um leitor que precisa ser ensinado, que não é competente para a leitura; já para Graciliano Ramos, especificamente em *São Bernardo*, há um tratamento de igual para igual, isto é, o narrador de Graciliano não menospreza seu leitor. Nos capítulos seguintes da mesma obra, Lajolo e Zilberman (1999) continuam abordando a perspectiva da leitura sob diferentes ângulos: ora a história do livro no Brasil enquanto suporte da leitura, produzido por um mercado editorial; ora a história do livro didático no Brasil, destacando o caráter pedagógico da leitura; ora a história da mulher leitora no Brasil.

Outra possibilidade para o tratamento da leitura é aquela apontada pelos estudos culturais. Voltados para a reconstituição

da história do livro enquanto materialidade e para a formação das bibliotecas, esses trabalhos aliam a observação do suporte à ação do leitor sobre ele. Um exemplo dessa perspectiva é a coleção “História de Leitura”, inicialmente da Associação de Leitura no Brasil e da Editora Mercado de Letras, cujo primeiro volume, *Leitura, história e história da leitura*, foi lançado em 1999 sob a organização de Márcia Abreu. Essa obra contém os trabalhos apresentados durante o I Congresso de História do Livro e da Leitura no Brasil, realizado na Universidade de Campinas, em 1998. Na segunda parte dessa obra, intitulada “Leituras em história”, há uma série de artigos de vários autores em que a questão da formação histórica da leitura no Brasil é discutida por vários pesquisadores reunidos nessa associação. Os textos publicados nesse volume adotam a concepção de leitura como discurso da cultura, como discurso-histórico. É nessa direção que caminham os autores citados pela maioria dos articulistas: Chartier, Ginzburg, Le Goff, Darnton e de Certeau, entre outros. Estão reunidos entre os enunciadores desse livro, em nome de uma análise do discurso, estudiosos da literatura e da linguagem, historiógrafos, pedagogos, cientistas sociais etc. Esses são trabalhos que têm muito a contribuir quando se pensa num sentido mais de registro histórico da leitura no Brasil. A concepção de discurso adotado por esses pesquisadores que se congregam em torno da Associação de Leitura do Brasil é a de que ele é atravessado por inúmeros pontos de vista indispensáveis para sua análise, com a determinante da visão sócio-histórico-cultural.

Numa outra perspectiva ainda caminham trabalhos que recuperam a história da leitura no Brasil, observando-a a partir da indústria editorial brasileira. A obra de maior fôlego sobre esse tema é a de Laurence Hallewell (1985). Nela, o autor relata a história de obras, autores e editoras, acompanhada de dados sobre os vários aspectos da indústria editorial brasileira, desde os tempos em que aqui chegou o prelo que inaugurou oficialmente

a impressão de livros no Brasil, até meados da década de 1980. O tema do leitor aparece à medida que Hallewell mostra como a produção dos livros, ao longo da história brasileira, era determinada pelo público consumidor desse mercado editorial. Também nessa mesma linha de pesquisa inscrevem-se os trabalhos de Sandra Reimão (1996), que analisa o mercado editorial brasileiro entre as décadas de 1960 e 1980, de Elisabeth Rochadel Torresini (1999) e Sônia Maria de Amorim (1999), que examinam a história da editora Globo, do Rio Grande do Sul, e suas diversas traduções, organizadas por ela em diferentes coleções, durante o período de 1930 a 1950. Na mesma perspectiva há ainda os seis volumes da coleção “Editando o Editor”, publicada pela Com-Arte e Edusp, que registram relatos históricos dos mais influentes editores da região sudeste do estado de São Paulo.

Mas, se quiser considerar todos os fatores apontados pelas perspectivas cultural, editorial e a sócio-histórica, subordinando-os a uma base do estudo da linguagem, será necessário redefinir um percurso de trabalho. Na medida em que se caminha para uma interdiscursividade, não é possível mais falar em leitura da busca do significado; é necessário ir à busca do sentido. Uma vez que o tratamento da história da leitura no Brasil que pretendo empregar neste trabalho é marcado pela busca do sentido, torna-se necessário um determinado aporte semiótico para esse estudo. A semiótica da Escola de Paris, também chamada aqui no Brasil de semiótica discursiva, parece apresentar uma perspectiva teórico-metodológica importante, que pode somar-se às perspectivas dos estudos sobre leitura produzidos no Brasil e propiciar um outro olhar sobre a questão.

O primeiro problema que se coloca, então, é o do estabelecimento de um *corpus* que forneça as informações necessárias para se chegar a uma caracterização do público leitor. Esta pesquisa partiu, portanto, da hipótese de que o levantamento dos livros mais lidos pelo público brasileiro

forneceria um perfil desse leitor, isto é, poder-se-ia chegar a conhecê-lo por meio do levantamento dos temas que mais lhe despertavam interesse, quando esse sujeito propunha realizar o ato de leitura. A partir da detecção desse universo de leituras seria possível, então, observar quais são os textos mais lidos pelo público brasileiro e, por meio do aparato teórico-metodológico da semiótica, examinar os mais representativos para chegar a um provável “perfil” desse leitor. Como é impossível caracterizar os leitores propriamente ditos, parto da hipótese de que a escolha que ele faz do que lê é reflexo de seus interesses, valores e desejos.

Embora não levasse em consideração a perspectiva teórico-metodológica da semiótica para a análise das obras mais vendidas no final do século XIX e começo do XX, foi com mesmo espírito que Alessandra El Far (2004, p. 310) produziu seu trabalho:

Tendo em vista que o livro, além do seu conteúdo intrínseco, carrega consigo mecanismos de fabricação, distribuição e publicidade, ingredientes fundamentais na atividade criativa da leitura, julguei necessário analisar essa literatura dita popular em compasso com a história do mercado editorial carioca, marcada por uma dinâmica de trocas, interações, intercâmbios econômicos e culturais, para então tentar responder a uma questão central: entre tantos livros anunciados, por que alguns romances venderam mais que outros? Ou então, por que alguns títulos, especificamente, mantiveram-se no mercado por anos a fio? O tratamento editorial dado a essas obras muito influenciou em sua disseminação. Mas por outro lado, não explica inteiramente a entrada de certas histórias nas preferências ou mesmo no imaginário dos leitores daquele tempo.

Para realizar tal intento então, precisava, ainda, estabelecer um período de tempo na cronologia histórica para o exame

dessas escolhas do leitor brasileiro. Por meio do levantamento bibliográfico é possível constatar que há mais trabalhos, a partir de diferentes enfoques teóricos, sobre o leitor brasileiro em diferentes períodos da história. Além do trabalho aqui já citado de Lajolo e Zilberman (1999), dos diferentes estudos sobre história da leitura no Brasil que fazem parte do volume organizado por Abreu (1999) e o de El Far (2004), que faz um interessante estudo sobre os livros de literatura popular mais vendidos, classificados por ela como “romances de sensação” e “romances para homens”, no Rio de Janeiro, durante o período de 1870 a 1924, poderia citar ainda o de Nunes (1994), que observa as escolhas do leitor brasileiro durante o período colonial, mais especificamente durante os primeiros séculos do descobrimento. O que se constata, portanto, é que existem poucas pesquisas sobre o leitor brasileiro contemporâneo. Embora em Reimão (1996) essa perspectiva esteja apontada, constata-se que não há uma preocupação específica da autora em trabalhar o imaginário do leitor brasileiro, mas sim em produzir um panorama do mercado editorial brasileiro, aos moldes do que havia sido proposto por Hallewell (1985).

Partindo do exame desses diferentes estudos sobre leitura é que decidi trabalhar com os mais vendidos no Brasil no final do século XX e início do XXI, uma vez que não existem estudos atuais sobre o tema. A execução dessa proposta, então, apresenta-se por meio de seis capítulos que fazem parte da organização deste trabalho.

No capítulo 1, intitulado “Em busca do *corpus* perdido”, apresentarei um histórico do processo de elaboração do *corpus* que deu origem a este trabalho. Mesmo correndo o risco de construir um capítulo um tanto descritivo, julgo que é importante sua manutenção no trabalho para que o leitor possa ter uma noção mais clara das características dos dois jornais a partir dos quais foram extraídos os dados para a análise do leitor brasileiro.

O capítulo 2, cujo título é “Leitor apaixonado e leitor representado: construções do discurso”, procurará apresentar a perspectiva teórica a partir da qual será desenvolvido o trabalho sobre leitura aqui proposto. Nesse capítulo destacarei os principais conceitos da teoria semiótica para o tratamento da questão da leitura e não será minha preocupação reconstituir todos os aspectos da proposta teórica da semiótica discursiva, tarefa já realizada por outros autores em diferentes obras. Procurarei centrar-me nos aspectos específicos para o desenvolvimento dos objetivos deste trabalho.

O interesse do capítulo 3, “O que lê o leitor brasileiro contemporâneo? Primeira abordagem”, consiste exatamente em apresentar uma primeira resposta à pergunta que aparece em seu título. Tomando por base o gráfico 1 em anexo, procurarei descrever e produzir uma análise do conjunto das obras mais lidas pelo público brasileiro referente ao período da pesquisa. Nesse capítulo procurarei dar voz ao *corpus*, para que o leitor deste livro possa ter uma noção do que falam os textos mais lidos pelo leitor brasileiro contemporâneo.

A proposta do capítulo 4, “Mudanças nas leituras do público brasileiro ao longo das últimas décadas: segunda abordagem” é a de ampliar e a de corrigir uma possível distorção considerada relativamente à construção do gráfico 1. Partindo, portanto, de um levantamento década por década (gráficos 2 a 6), cheguei a uma compilação de dados que deu origem à tabela 2, em que estão agrupados todos os livros que estiveram entre os primeiros lugares na preferência do leitor brasileiro desde os anos 1960 até o ano de 2010. Neste capítulo, além de apresentar os livros que não apareceram no primeiro levantamento, iniciarei uma interpretação dos dados com o objetivo de explicar as razões pelas quais os leitores escolheram o conjunto de obras mais lidas, detectado pela pesquisa.

A preocupação central do capítulo 5, “Escolhas de leitura como reflexos da cultura contemporânea”, será examinar, em obras de cinco diferentes autores estrangeiros e dois brasileiros, o conceito de individualismo ou de tribalismo e suas interpretações sobre as características da sociedade contemporânea, uma vez que o exame do *corpus* realizado durante os capítulos 3 e 4 apontam para o crescimento da chamada literatura de autoajuda na preferência do público leitor brasileiro.

No capítulo 6, “Encontro do *étos* do leitor de autoajuda”, focalizarei especificamente a questão da autoajuda, partindo de um levantamento de alguns trabalhos já realizados sobre o tema para poder caracterizar de forma mais aprofundada essa preferência do leitor contemporâneo.

Nas considerações finais deste trabalho recuperarei as principais contribuições sobre a questão da leitura aqui apresentadas e apontarei possíveis desdobramentos e perspectivas de continuidade para o projeto aqui desenvolvido.